

## HABITAR UM FILME

### Vermelho Bruto (Dir.: Amanda Devulsky, 2023, DF)

Por Pedro Henrique Ferreira  
Revista Abismu ([www.abismu.com.br](http://www.abismu.com.br))

O esforço monumental que *Vermelho Bruto* faz passa pela articulação entre duas camadas discursivas diferentes: o registro da vida cotidiana de quatro mulheres que foram mães adolescentes, oriundas de diferentes camadas sociais e durante mais ou menos o mesmo período, e um retrato nublado, que brota das imagens como rasuras que se constroem ao longo do filme, do apagamento do lugar do feminino na Nova República do Brasil. Esta associação é bem indireta; surge no emaranhado de imagens que, primeiro, não revelam nem quem as produziu (as mulheres pouco aparecem, no mais das vezes, a imagem é a dos seus olhares, o que veem), nem de quem é a voz em off da narração que ouvimos (os relatos das quatro têm aspectos semelhantes e parece haver um esforço deliberado em esconder quem os emite), nem a época exata onde se passam (imagens de arquivo do passado se misturam a momentos recém-filmados do presente). A idéia do longa-metragem de Amanda Devulsky parece ser produzir uma sensação de indiscernibilidade, inconstância, mas também de repetição, de que nada mudou exatamente e estamos aprisionados a um eterno retorno, um nimbo de imutabilidade. Uma fala parece que repete ou completa a outra, mas já não sabíamos de onde ela vinha, e seguimos sem saber - ela está associada, num notável trabalho de montagem disjuntiva, a algo que não necessariamente seja condizente - os momentos mais palpáveis (uma cena sobre trabalho ou outra com a família) se alternam com uma série de explorações formais do material. Que os registros se misturem, e as imagens funcionem como um enxoval centrípeto e rizomático, uma espécie de torvelinho de células no qual mergulhamos para pescar aqui e acolá o sentido de cada uma, só contribui para a sensação mista de sermos ao mesmo tempo enclausurados enquanto estendemos o braço para ver o que se pode segurar do fluxo. Isso fortalece o discurso de apagamento do feminino e a sensação de bloqueio do seu lugar no país das últimas décadas.

Talvez o maior paradoxo de *Vermelho Bruto* é que, embora ele se apresente como uma experiência de fruição fundamentalmente temporal, no qual se faz necessário um certo escoamento do tempo para que possamos acessar a força dos relatos que ele porta, para que possamos compreender a operação lógica que movimenta a ele e seus atores/personagens, para que, enfim, seu motivo venha à luz ao espectador, ele é um filme fundamentalmente espacializado: não o experienciamos como uma construção que nos movimenta nem em linha reta (uma narrativa que vai de um ponto a outro), nem em espiral, onde há um núcleo propulsor centrífugo (e as imagens brotam deste centro, como em *Limite*), bifurcada, em abismo ou seja lá o que for; ao contrário, ele se apresenta como uma estrutura inerte, um edifício de database ou instalação - biblioteca universal borgiana - em que é preciso habitar durante certo tempo para compreendê-lo, permanecer dentro dele tempo o suficiente para usufruí-lo e então abandoná-lo depois que o acorde que o mobiliza já ecoou o bastante, ou porque o estabelecimento fechou mais cedo. É um filme que dura entre três e quatro horas, mas poderia durar apenas uma e meia, ou talvez dois ou três dias - no máximo, ou mínimo, uma semana, dependendo de quanto demora para que você, o inquilino, pense ser o suficiente para acessar seu bálsamo. E, no entanto, ao mesmo tempo, *Vermelho Bruto* não é uma instalação artística dentro de um museu: é uma experiência cinematográfica que se desenrola como um devir em linha reta, na sala de cinema.

Nos seus piores momentos, *Vermelho Bruto* apela demais para a transformação do arquivo em textura como forma de climatizador, alternando este estado bruto e carnal da imagem com um outro, encapsulado de sentido, que parece ser onde o filme verdadeiramente acontece. Então, se surge uma cena terna na qual acompanhamos o ponto de vista de uma mulher que, nas solidões das ruas, chega em casa após um árduo dia de trabalho, ou outra, quando uma criança sente repulsa e medo dos

resultados da eleição e a mãe a consola (dentre outros incríveis achados do longa-metragem de Amanda Devulsky), o problema é que rapidamente a associação que ela poderia fazer com uma outra cena da mesma espécie é entrecortada por uma série de momentos de ‘mood’ onde uma trilha sonora de harmonia tensionada se preenche pela exploração formal do tecido material que o arquivo possui. *Vermelho Bruto* joga com a nossa incompreensão para transformar o que, em outro plano do próprio filme, é retórico, histórico e emocionalmente potente, em uma batalha entre obra de arte e seu material intrínseco, pávido, de registro bruto. É uma forma de fazer parecer que o que é dito é mais complexo, menos amarrado, mais profundo e sentimental, porque precisamos alternar o modo da fruição de hora em hora, embora não o seja necessariamente e de verdade (ou melhor, que não seja isto que torne *Vermelho Bruto* num grande filme). É uma forma de recorrer ao afeto como mobilizador geral da montagem, quando o longa-metragem e seu material já são mais que o suficiente. O tiro sai um tanto pela culatra, sobretudo quando somos obrigados a aguentá-lo por bastante tempo.

Só que, na verdade, nem isso importa, porque *Vermelho Bruto* sobrevive, e bem demais, das suas cenas mais articuladas no âmbito do discurso; dos momentos em que a verdade histórica do apagamento feminino ganha materialidade, torna-se fato prosaico na vida destas quatro mulheres, e o próprio mundo dá verdade à tese, na mesma medida em que torna visível o que se põe à prova. O filme e o material levantado, bem como o dispositivo armadurado e o resultado dele, já geram força o suficiente - uma potência inerente a eles - para que o filme não precise recorrer aos artifícios da videoarte nem do jogo de manipulação textural. O poder das imagens são autossuficientes e, se há um desejo expressivo em recorrer a um trabalho de construção de espera e de esmerada investigação formal, a verdade é que estas são mais facilmente esquecíveis que um choro de uma criança ao saber da eleição de Jair Bolsonaro ou simplesmente de uma rua em Brasília vazia. Neste sentido, *Vermelho Bruto* não precisaria se esconder ou se disfarçar de nada, nem emular a profundidade que os seus melhores momentos já têm; ele já sobrevive muito bem.

Janeiro, 2023